

Milagro

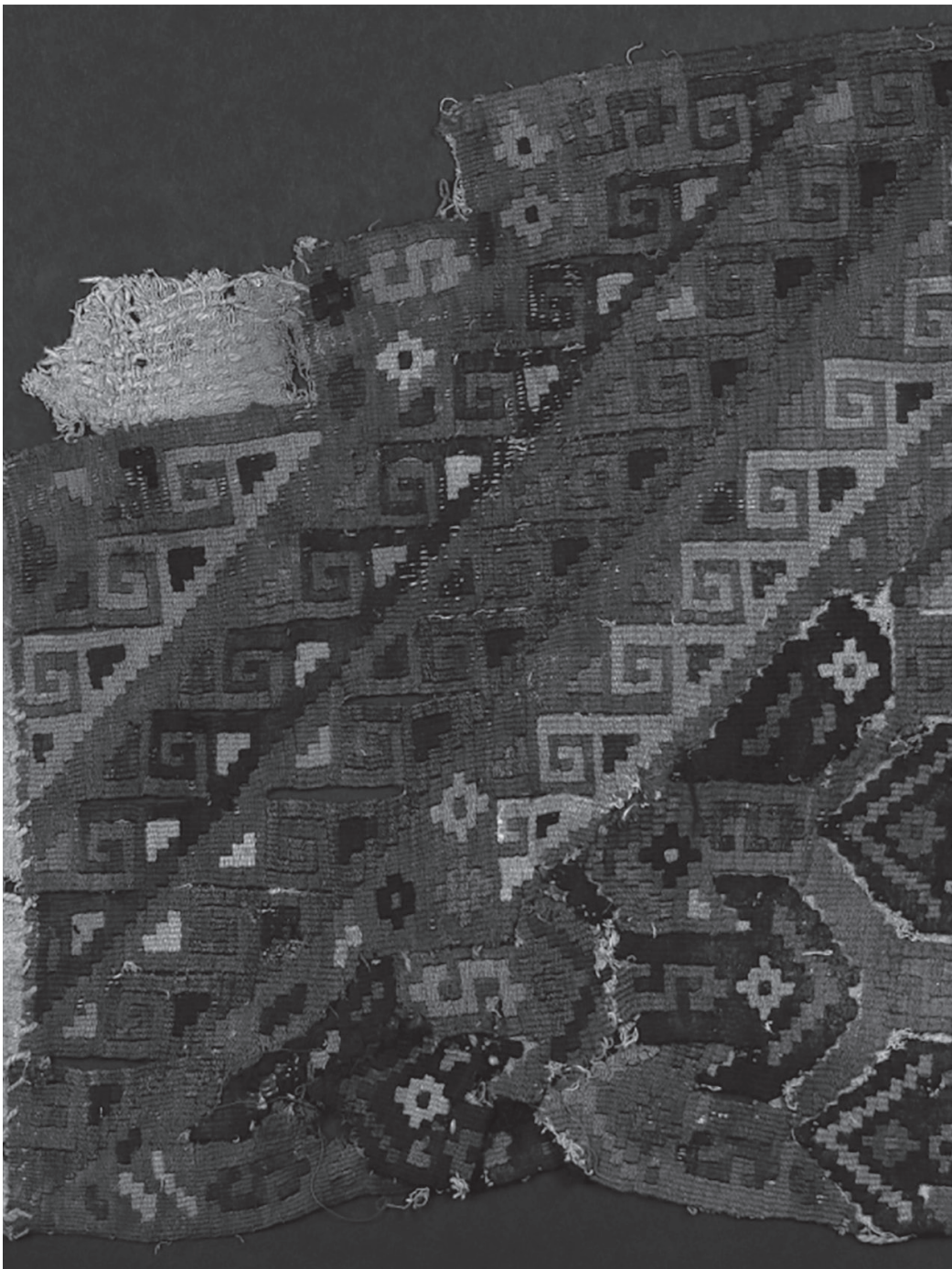
Miracle

Flávia Vieira



Milagro, Flávia Vieira

Dentro da
Inside the
collection
Coleção



Tecido/Fabric, 500-700
38x34,5 cm

Moche-Huaty, Perú, Costa Norte/ Moche-Huaty, Peru, North Coast
©Vasco Célio / Stills

Milagro Flávia Vieira

Existe uma pergunta que podemos fazer diante do trabalho artístico inspirado pelos processos ancestrais da manualidade, e que é a seguinte: de que forma pode um artista apropriar-se sensivelmente da escassa matéria ainda disponível? Pergunta que é como água jogada num terreno árido, tal é vertiginosa (e seca) a experiência do presente, a verdade é que não é de agora a sua formulação. Semelhante aridez foi sentida em outros momentos da história, em especial no caos do pós-guerra, e os artistas uniram-se para desembaraçar os fios heterogêneos daquele tempo e para os tecer de novo, de acordo com um padrão e um significado que uniram modernidade e ancestralidade. Mas o último eco das utopias deu hoje lugar ao sentido de perda.

É o fio desta pergunta que é esticado em *Milagro*, e é tão legítima de formular quanto difícil de responder. Flávia Vieira é uma artista que conhece bem a inscrição histórica da questão, especialmente ao reconhecer os diálogos entre as culturas pré-colombianas e as práticas artísticas que, ao longo do tempo, se voltaram para esses universos simbólicos e materiais. Percebe também que no presente, fora do projeto revolucionário das vanguardas - as quais projetavam uma nova humanidade através de um novo arranjo sensível e técnico do mundo - a trama que entretetece o real é descosida e esgarçada.

Por todas estas razões, Flávia Vieira faz questão de apresentar *Milagro* como um ensaio, um diálogo aberto e contingente com os artefatos pré colombianos da coleção do museu. Os trinta e três objetos são provenientes das culturas Inca, Chimú, Chancay, Moche, Azteca, Nicoya, Misteca, Talamameque, Nayarit, que ocuparam parte do território da América Central e do Sul, e que pertencem a um período cronológico entre 500 a.C a 1532 d.C, aproximadamente.

Se, para a artista, os materiais naturais e as manualidades tradicionais são como um substituto da experiência desaparecida, são em simultâneo um meio de a restabelecer. Apesar da perda e diante da contínua alegria do fazer sem porquê.

Em salas intervaladas, a artista cria dois tipos de presença escultórica e instalativa. Por um lado, um “mapa celeste” ou diagrama simbólico de interconexões e correspondências, sob a forma de um campo de visão vertical; e, por outro, a sugestão de um espaço fúnebre no chão, um rasto colorido da presença humana. Como pólos de uma mesma leitura do mundo, oferecem ao espectador uma sutil evidência matérica, uma quase evanescente mas ainda assim vinculativa forma de religação. Tentar dobrar ou esticar o tempo. A plasticidade do tempo pode também estar relacionada com o corpo e com o seu encontro com outra coisa, dando forma ou deixando marcas.

Os pigmentos naturais que Flávia Vieira utiliza neste trabalho são o cerne do seu interesse. Nos últimos tempos, tem-se interessado pelos tingimentos tradicionais e pelas propriedades simbólicas de certos colorantes, como o preto denso que, trazido do “Novo Mundo”, veio a ser usado pela aristocracia e realeza espanholas como símbolo máximo de prestígio. No CIAJG, utiliza pigmentos como a cochonilha, o índigo ou o óxido de ferro para compor uma alquimia de cor, tecendo com cada pigmento uma narrativa profunda, onde as cores evocam mundos e vozes distintas, e onde os tons se depositam em camadas, como sedimentos de uma história viva. A proposta de Flávia é, assim, uma arqueologia do olhar, escavando memórias guardadas pela própria terra, ao mesmo tempo que reorganiza essa matéria em novas composições, traçando desenhos e vestígios que se revelam no pó dos pigmentos.

É preciso recordar que o tecido sociocultural das Américas pré-colombianas era denso e contínuo, e que o embate linguístico entre povos que se viram pela primeira vez transformou a perda do significado original das coisas. Ao deturpar o contexto que envolvia plantas, tinta, plumas, mandioca, espíritos, sonhos, madeira, missangas e pessoas, com o objetivo de transformá-los em merca-

P/4

dorias exportáveis e apetecíveis, o processo de tráfico económico desarticulou os elos primordiais que ligavam as pessoas e os objetos, o visível e o invisível. Cristóvão Colombo, numa carta ao Rei e à Rainha, escrita de La Española por volta de 1498, anunciava:

“Daqui se podem enviar todos os escravos que se possam vender e pau-brasil (madeira de tinta vermelha); dos quais, se a informação que tenho for correta, dizem-me que poderão ser vendidos quatro mil, que, mesmo a preço baixo, valerão vinte contos; e quatro mil quintais de pau-brasil, que podem valer outro tanto.”

Milagro em castelhano é milagre na língua portuguesa. A palavra pode fazer lembrar os milagres da fé, as procissões e romarias que levavam os peregrinos fervorosos a louvar relíquias (como durante o franquismo e o salazarismo, em Espanha e Portugal). Mas também significa simplesmente “maravilhar-se” com um acontecimento extraordinário, um ver que se cobre de emoção. Neste caso são as cores que participam do “milagre”, a sua integração no tecido espiritual e social das sociedades pré-colombianas, como uma linguagem cultural que comunicava valores, crenças e princípios cosmológicos.

P/5

Cochonilha, índigo e óxido de ferro.

/EN

Milagro
Flávia Vieira

When we encounter artistic work inspired by age-old handicraft processes we inevitably ask: how can an artist sensitively appropriate the scarce materials that remain available? This question is a bit like water spilt on arid ground, given the vertiginous (and dry) nature of the present-day experience. The truth is that formulating this question is nothing new and that a similar level of aridity has prevailed at other times in history, especially in the chaotic post-war period, when artists joined forces to untangle the heterogeneous threads of that time and then weave them back together, based on a pattern and meaning that united modern and ancestral dimensions. But the final echo of utopian world views has now given way to a sense of loss.

Miracle stretches the thread which unspools from this question, which is as legitimate to formulate as it is difficult to answer. Flávia Vieira is well aware of its historical dimension, especially in terms of dialogues between pre-Columbian cultures and the artistic practices that, over time, have drawn inspiration from these symbolic and material universes. She also realises that in the present day, beyond the revolutionary project of the avant-garde - which projected a new humanity based on a new sensorial and technical arrangement of the world - the weft that tries to interweave reality is now unravelling and becoming frayed.

For all these reasons, Flávia Vieira is keen to present *Miracle* as an exploration - forging an open and contingent dialogue with the museum collection's pre-Columbian artefacts. The thirty-three objects derive from the Inca, Chimú, Chancay, Moche, Aztec, Nicoya, Misteca, Talamameque and Nayarit cultures, which occupied part of the territory of Central and South America, and pertain to the chronological period approximately between 500 BC and 1532 AD.

Flávia Vieira views natural materials and traditional handicrafts as both a substitute for a vanished experience, and also a means of re-establishing it, notwithstanding the loss and in the face of the ongoing joy of making things for no reason in particular.

In interspersed rooms, she creates two types of sculptural and installation-based presence. On the one hand, a "sky map" or symbolic diagram, of interconnections and correspondences, in the form of a vertical field of vision; and on the other, the suggestion of a funeral space on the ground, a colourful trail of human presence. As two poles of the same interpretation of the world, they offer subtle material evidence to the spectator, an almost evanescent but nonetheless binding form of reconnection. An attempt to bend or stretch time. The plasticity of time can also be related to the body and its encounter with something else, thereby endowing a form, or leaving marks.

Flávia Vieira is essentially interested in the natural pigments that she uses in this work. Recently, she has become interested in traditional dyes and the symbolic properties of certain colourants, such as pitch black, which was brought from the "New World", and began to be used by the Spanish aristocracy and royalty as the ultimate symbol of prestige. At the CIAJG, she uses pigments such as cochineal, indigo or iron oxide to compose an alchemy of colour. She uses each pigment to weave a profound narrative, in which the colours evoke different worlds and voices, and where the tones are deposited in multiple layers, like the sediments of a living history. Flávia's proposal is therefore an archaeology of the gaze, excavating memories that are stored by the earth itself, while reorganising this matter into new compositions, tracing drawings and vestiges that reveal themselves in the dust of the pigments.

We must remember that pre-Columbian Americas had a dense and continuous socio-cultural fabric, and that the linguistic clash between peoples who were meeting for the first time led to the loss of the original meaning of things. The context surrounding the local plants, paint, feathers, manioc, spirits, dreams, wood, beads and people was rapidly distorted in order to transform them into exportable and desirable commodities. The process of economic trafficking dismantled the primordial links that connected people and objects, the visible and the invisible. In a letter written to the King and Queen, from La Española, in around 1498, Christopher Columbus announced:

"From here you can send all the slaves that one could possibly sell and brazilwood (a red-coloured wood); to the best of my knowledge, I am told that it will be possible to sell four thousand slaves, which, even at a low price, would be worth twenty *contos*; as well as four thousand quintals of brazilwood, which could be worth an equivalent amount."

P/6

P/7

Milagro, in Spanish, is *milagre* (miracle) in Portuguese. The word can be reminiscent of the miracles of faith, the processions and pilgrimages that led fervent pilgrims to praise relics (as during the Franco and Salazar dictatorships in Spain and Portugal). But it also simply means “marvelling” at an extraordinary event, a sight that is filled with emotion. In this case, it is the colours that participate in the “miracle”, their integration into the spiritual and social fabric of pre-Columbian societies, as a cultural language that communicated values, beliefs and cosmological principles.

Cochineal, indigo and iron oxide.

Marta Mestre
Artistic director of the CIAJG and Visual Arts

P/8

Flávia Vieira (Braga, 1983)

Através do uso predominante do têxtil e da cerâmica em contexto instalativo, o seu trabalho desenvolve-se a partir das narrativas culturais, históricas e políticas associadas aos processos do fazer, explorando noções de identidade, memória e representação coletiva, diáspora botânica e alteridade.

É graduada pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Mestre em Comunicação e Artes pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e Doutorada em Poéticas Visuais e Processos de Criação pelo Instituto de Artes da Unicamp em São Paulo.

Expõe regularmente em Portugal e no estrangeiro, em particular no Brasil onde residiu, destacando-se as exposições individuais recentes *Brasilina*, KUBIKGallery, Porto (2022) e *Hopes and Fears*, KubikGallery, Porto (2019). Entre as exposições coletivas recentes, destacam-se: *Jarra Humana*, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas (2024); *Obscura Luz*, Galeria Luisa Strina, São Paulo (2022); *Impluvium*, Galeria Ángeles Baños, Badajoz (2022); *Tisanas – Infusões para Tempos Modernos*, Fundação Eugénio de Almeida, Évora (2022). Atualmente participa do programa “Em Residência - Ateliers Municipais” da CM do Porto. Entre outras, o seu trabalho integra as coleções do Instituto Inhotim (Brasil), a Coleção de Arte Contemporânea do Estado - CACE (Portugal), a Coleção Municipal de Arte da Câmara Municipal de Lisboa (Portugal), a Coleção Municipal de Arte da Câmara Municipal do Porto - PLÁKA (Portugal) e a Coleção Norlinda e José Lima (Portugal).

P/9

Through the predominant use of textiles and ceramics in an installation context, her work develops from the cultural, historical and political narratives associated with the processes of making, exploring notions of identity, memory and collective representation, botanical diaspora and otherness.

She holds a BA degree from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto, a Master’s degree in Communication and Arts from the Faculty of Social and Human Sciences of the Universidade Nova of Lisbon, and a PhD in Visual Poetics and Processes of Creation from the Institute of Arts of Unicamp in São Paulo.

She regularly exhibits her work in Portugal and abroad, particularly in Brazil, where she has lived. Highlights include her recent solo exhibitions *Brasilina*, KUBIKGallery, Porto (2022) and *Hopes and Fears*, KubikGallery, Porto (2019). Group exhibitions that she recently participated in include: *Jarra Humana*, Elvas Museum of Contemporary Art, Elvas (2024); *Obscura Luz*, Galeria Luisa Strina, São Paulo (2022); *Impluvium*, Galeria Ángeles Baños, Badajoz (2022); *Tisanas – Infusions for Modern Times*, Eugénio de Almeida Foundation, Évora (2022). She is currently taking part in the “In Residence - Municipal Ateliers” programme, run by Porto City Council. Her work is held in various collections, including the Inhotim Institute (Brazil), the State Contemporary Art Collection - CACE (Portugal), Lisbon City Council’s Municipal Art Collection (Portugal), Porto City Council’s Municipal Art Collection - PLÁKA (Portugal) and the Norlinda and José Lima Collection (Portugal).

EXPOSIÇÃO > EXHIBITION

Milagro - Dentro da Coleção

Flávia Vieira

Direção Artística CIAJG e Artes Visuais > CIAJG and Visual Arts Artistic Direction 2020-2024

Marta Mestre

Assistente de Direção Artística CIAJG e Artes Visuais > CIAJG and Visual Arts Artistic Director Assistant

João Terras

Produção > Production

Susana Pinheiro (Direção),

Ana Sousa

Gestão do Património > Heritage Management

Inês Oliveira

Equipa de Montagem > Assembly Team

Bruno Araújo, Diogo Machado, Miguel Marques, Luís Canário

Eletricista > Electrician

Torcato Ribeiro

Tradução > Translation

Martin Dale

Agradecimentos > Thanks

A todos os artistas, colecionadores, instituições e galerias > *To all artists, collectors, institutions and galleries.*

A OFICINA

Direção

Management Board

Presidente > President

Câmara Municipal de Guimarães

Vice-Presidente > Vice-President

Círculo de Arte e Recreio

Tesoureiro > Treasurer

Jaime Marques

Secretário > Secretary

Casa do Povo de Fermentões

Vogal > Member

Muralha Associação de Guimarães para a Defesa do Património

Assembleia Geral

General Meeting's Board

Presidente > President

Câmara Municipal de Guimarães

Vice-Presidente > Vice-President

Manuel Ferreira

Secretário > Secretary

Associação de Reformados e

Pensionistas de Guimarães

Conselho Fiscal

Statutory Audit Committee

Presidente > President

Câmara Municipal de Guimarães

Vogal > Member

Taipas Turitermas, CIPRL

Vogal > Member

Maria Alexandra Ferreira Xavier

Direção Executiva >

Executive Direction

Hugo Tavares de Freitas

Assistente de Direção >

Assistant Director

Anabela Portilha

Direção Artística CCVF e Artes

Performativas > CCVF and Performing

Arts Artistic Direction

Rui Torrinha

Direção Artística CDMG e Artes

Tradicionais > CDMG and Traditional

Arts Artistic Direction

Catarina Pereira

Inês Oliveira, Teresa Machado

(Gestão do Património > *Heritage*

Management), Bruna Freitas (Olaría

> *Pottery*)

Direção Artística CIAJG e Artes

Visuais > CIAJG and Visual Arts

Artistic Direction 2020-2024

Marta Mestre

Direção Artística Teatro Oficina >

Teatro Oficina Artistic Direction

2023-2024

Mickaël de Oliveira

Programação Guimarães Jazz e

Curadoria Palácio Vila Flor >

Guimarães Jazz Programming and

Palácio Vila Flor Curator

Ivo Martins

Assistente de Direção Artística >

Artistic Director Assistant

Cláudia Fontes

Assistente de Direção Artística CCVF

e Artes Performativas > CCVF and

Performing Arts Artistic Director

Assistant

Paulo Dumas

Assistente de Direção Artística

CIAJG e Artes Visuais > CIAJG and

Visual Arts Artistic Director

Assistant

João Terras

Educação e Mediação Cultural >

Education and Cultural Service

Francisco Neves (Direção >

Director),

Ana Catarina Aidos, João Lopes,

Marisa Moreira, Marta Silva

Produção > Production

Susana Pinheiro (Direção),

Ana Sousa, Andreia Abreu,

Andreia Novais, Hugo Dias,

Nuno Ribeiro, Rui Rodrigues,

Rui Salazar, Sofia Leite

Técnica > Technical Staff

Carlos Ribeiro (Direção Técnica >

Technical Director),

Ana Fernandes (Direção de Cena >

Stage Manager), Ricardo Santos,

Rui Eduardo Gonçalves (Iluminação >

Lighting), João Diogo,

João Oliveira, Duarte Dimas (Som >

Sound), João Castro (Maquinaria >

Stage Machinery), Sérgio Sá (Vídeo

> *Video*)

Serviços Administrativos e Financeiros > Administrative and Financial Services

Helena Pereira (Direção > *Director*),

Ana Carneiro, Carla Inácio,

Liliana Pina, Marta Miranda,

Pedro Pereira, Sónia Sousa,

Susana Costa

Relações Públicas, Financiamentos e Mecenato > Public Relations, Funding and Cultural Patronage

Sérgio Sousa (Direção > *Director*),

Andreia Martins, Jocélia Gomes,

Josefa Cunha, Manuela Marques,

Ricardo Lopes, Sandra Sousa,

Sylvie Simões (Atendimento ao

Público > *Public Attendance*)

Instalações > Facilities

Luís Antero Silva (Direção >

Director),

Joaquim Mendes, Rui Gonçalves

(Assistentes > *Assistants*),

Jacinto Cunha, José Machado

(Manutenção e Logística >

Maintenance and Logistics),

Amélia Pereira, Antónia Pereira,

Carla Matos, Conceição Oliveira,

Josefa Gonçalves, Maria de Fátima

Faria, Sónia Alves (Manutenção

e Limpeza > *Maintenance and*

Cleaning)

Comunicação > Communication

Marta Ferreira (Direção > *Director*),

Bruno Borges Barreto (Assessoria de

Imprensa > *Press Office*),

Carlos Rego (Distribuição >

Distribution), Pedro Magalhães,

Rui Costa (Comunicação Digital >

Digital Communication),

Eduarda Fontes, Susana Sousa

(Design), Mafalda Mendes (Videomaker

- Estágio profissional IIEFP >

Trainee)

>

CENTRO INTERNACIONAL DAS ARTES

JOSÉ DE GUIMARÃES (CIAJG)

Horário de funcionamento

terça a sexta

10h00 - 17h00

(últimas entradas às 16h30)

sábado e domingo

11h00 - 18h00

(últimas entradas às 17h30)

Tarifário

4 eur/ 3 eur c/d

Preços com desconto (c/d)

Menores de 30 anos e Estudantes

Pessoas com deficiência e acompanhante

Maiores de 65 anos: desconto 50%

Cartão Quadrilátero Cultural: desconto 50%

Entrada Gratuita

crianças até 12 anos,

domingos de manhã (11h00 às 14h00)

>

JOSÉ DE GUIMARÃES INTERNATIONAL

ARTS CENTRE (CIAJG)

Opening hours

tuesday to friday

10.00am-5.00pm (last visits 4.30pm)

saturday and sunday

11.00am-6.00pm (last visits 5.30pm)

Tariffs

4 eur/ 3 eur*

*Under 30 years and Students

Handicapped patrons and the person accompanying them

Over 65 years: 50% discount

Cartão Quadrilátero Cultural: 50% discount

Free Entrance

children until 12 years old,

sunday morning (11.00 am to 2.00 pm)

>

Av. Conde Margaride, 175

4810-535 Guimarães

Tel. (+351) 253 424 715

geral@ciajg.pt

www.ciajg.pt

Organização > Organization

Financiamento > Funded



oficina



MUNICÍPIO DE
GUIMARÃES

Apoio > Support



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



rpac
Rede Portuguesa de Apoio à Crise